

4. *Eles eram muitos cavalos* e a escritura do projeto literário de Luiz Ruffato

“Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína”.
Caetano Veloso, “Fora da Ordem”

4.1 A escrita de um operário

Luiz Ruffato iniciou sua carreira literária com a publicação de dois livros de contos: *História de remorsos e rancores* (1998) e *Os sobreviventes* (2000), ambos publicados pela editora Boitempo. Com essas duas obras iniciais um projeto literário que vem desembocar na série “Inferno Provisório”, em que trabalha o escritor, um romance em cinco volumes, quatro dos quais já publicados entre 2005 e 2008. O projeto em curso é a tentativa de contar a história do proletariado no Brasil nos últimos cinquenta anos na forma de “romance não-burguês”. O escritor resume assim seu projeto:

Mamma, son tanto felice trata da questão do êxodo rural nas décadas de 50 e 60; *O mundo inimigo* discute a fixação do primeiro proletariado numa pequena cidade industrial (década de 60 e começo da de 70); *Vista parcial da noite* descreve o embate entre os imaginários rural e urbano, nas décadas de 70 e 80. O quarto volume, a ser publicado este ano, *O livro das impossibilidades*, registra as mudanças comportamentais das décadas de 80 e 90. E, finalmente, o quinto e último volume chega até os nossos tempos, começo do século XXI.¹

Para tomar fôlego e voltar ao universo dos dois primeiros livros, Ruffato publicou em 2001 *Eles eram muitos cavalos*, para voltar ao painel iniciado com *Histórias de remorsos e rancores*, continuada em *Os sobreviventes*. A narrativa, segundo o escritor mineiro, é um olhar estrangeiro sobre a cidade de São Paulo².

A escritura do projeto literário de Ruffato traça um novo perfil na literatura contemporânea, que pode ser visto como um olhar sobre o passado para se pensar o presente, com uma linguagem que dá conta dessa realidade.

¹ Entrevista exclusiva com Luiz Ruffato. <http://rinaldofernandes.blog.uol.com.br>. Acesso em 10/01/2009.

²Profissão: Repórter. Entrevista Luiz Ruffato. <http://prof.reporter.sites.uol.com.br/rufaentrevista.html>. Acesso em 12/01/2009.

A história do proletariado no Brasil será recontada por meio de uma linguagem, que, na verdade, não é completamente nova; ela é retomada do modernismo, influenciada pelos autores admirados pelo escritor, como Joyce. A linguagem utilizada pelo romancista, em seu projeto literário, mais especificamente em *Eles eram muitos cavalos*, é uma linguagem que dá conta da realidade do proletariado, uma linguagem que rompe com a tradição para criar uma nova forma de comunicação de fácil entendimento para qualquer tipo de leitor. Como o próprio autor destacou: “testei a linguagem e meus livros são entendidos por qualquer leitor³”.

A radicalidade do romancista está em “recriar uma linguagem”, com uma proposta diferente de texto que rompe com o padrão de romance do século XIX. A linguagem é usada por Ruffato como uma possibilidade de dar conta de uma realidade estilhaçada. A utilização do fragmento funciona como uma parte de um todo impossível de ser retratada, mas representa a totalidade na própria estrutura do livro, todavia uma em significado.

A história de vida de Luiz Ruffato traça o perfil do operário da palavra, que descobriu a literatura um pouco tarde, como ele mesmo afirma, e somente aos 37 anos publicou seu primeiro livro.

Ruffato começou a trabalhar quando criança para ajudar o pai, pipoqueiro, em sua cidade natal, Cataguases, Minas Gerais. Já foi pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armarinho, operário têxtil, torneiro-mecânico, jornalista, sócio de assessoria de imprensa, gerente de lanchonete, vendedor de livros autônomo e, agora, escritor, vivendo da literatura.

A trajetória até a literatura foi árdua. Na infância, Ruffato nem mesmo sabia o que era ser escritor, então não poderia querer ser um. Seus pais são do interior, de cidades próximas a Cataguases, que foram morar no centro industrial porque viam a possibilidade de ter uma vida mais digna. Ruffato sabia que a única possibilidade de ter uma situação financeira melhor seria por meio dos estudos. Trabalhando desde os 6 anos de idade com o pai para ajudar no sustento da família, aos 15 já era torneiro-mecânico, formado pelo Senai, e trabalhava na indústria têxtil.

³ AZEVEDO, Estevão. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 12/01/2009.

A descoberta da literatura foi na biblioteca do colégio, único refúgio para o garoto que estava perdido na nova escola. E esse achado ficou restrito ao ambiente escolar. Ele voltou a se interessar pela leitura na faculdade. A trajetória do romancista como leitor de literatura será intuitiva, como a escritura de seu projeto literário. Por não poder comprar livros, Ruffato frequentou sebos, leu o que produziu a geração dos anos 70. Com dez anos de atraso em relação aos lançamentos, sua formação literária foi influenciada por aquela geração. Pensando em escrever sobre o que ele conhecia, o tema de operário foi uma necessidade e, pesquisando sobre ele, descobriu que não havia nada em literatura sobre o assunto. O projeto nasceu da necessidade literária de se construir uma literatura que desse conta do tema de forma diferente. O que não pode ser comparado com Jorge Amado, pelo menos do ponto de vista do escritor. “No caso do escritor baiano é diferente porque existe uma literatura, que acho ruim do ponto de vista estético, que fala sobre militância operária e política. Quando falo de classe operária, quero saber como determinada classe operária percebe a história. Operário é aquele que trabalha na indústria e mora na cidade. Veja bem: operário não é camponês”, como afirmou o escritor em entrevista ao Portal Literat⁴.

(...) Tentei, pegando a tradição da literatura “experimental”, fazer um romance coletivista, sem um personagem principal e com várias vozes e possibilidades. Tento fazer com que o leitor tenha uma importância tão grande quanto o leitor, por isso as histórias não terminam. E só resolvi isso na prática com *Eles era muitos cavalos*. Assim, encontrei a solução para escrever “inferno Provisório”⁵.

A escritura do projeto literário de Ruffato passa ainda pela influência canônica e intuitiva, como ele mesmo afirmou: “Intuitivamente, fui lendo história da literatura e teoria literária. E um autor me apontou o caminho: Machado de Assis. Ele é um autor muito generoso. Ao contrário de Guimarães Rosa, por quem sou apaixonado. (...) Machado disse: ‘vai ler fulano, fulano e fulano’. Existe uma

⁴ MELLO, Ramon. *Luiz Ruffato: Operário da Palavra*. <https://www.portalliteral.com.br/artigo/luiz-ruffato-operario-da-palavra>. Acesso em 20/01/2009.

⁵ MELLO, Ramon. *Luiz Ruffato: Operário da Palavra*.

<https://www.portalliteral.com.br/artigo/luiz-ruffato-operario-da-palavra>. Acesso em 20/01/2009.

tradição de uma literatura não tradicional. Para mim começa com Cervantes. Então, depois do Machado, fui caminhando com Joyce”⁶.

O resultado das influências do romancista pode ser visto no seu projeto literário que rompe com a tradição ao propor uma nova forma de se contar uma história, na verdade, histórias que fazem parte de uma história maior, de um projeto que busca dar conta de uma parte da história do Brasil.

Em *Eles eram muitos cavalos*, podemos perceber a escritura do projeto, apesar da obra não fazer parte da série “Inferno Provisório,” pode ser vista como a possibilidade de dar conta de uma totalidade fragmentada, como o retrato de São Paulo nos setenta fragmentos que compõem a narrativa, estilhaçados no emaranhado de relatos que formam a paisagem da metrópole. Uma cidade dentro de várias cidades, uma cidade em camadas vista pelo olhar de um imigrante como o próprio escritor. A narrativa funciona como um “ensaio” de um projeto ambicioso que modificou a forma de se fazer literatura. A ruína já inscrita no cotidiano é retratada nas narrativas de Ruffato. É interessante como as histórias se comunicam entre si mesmo estando em livros diferentes. Uma dor aqui parece transparecer ali; replicam-se nomes e circunstâncias. As ruínas de uma história se amontoam no quintal de outra e assim por diante. Em “O segredo”, um dos contos da coletânea *Os sobreviventes*⁷, por exemplo, lê-se um trecho que poderia ser a descrição de qualquer um dos personagens de qualquer um dos volumes: “Perdi minhas antigas referências, o sítio, meus pais, meus irmãos, a paisagem da minha infância..., e não acrescentei nada a isso. O que resta do meu passado? Ruínas... Apenas ruínas...”, como aponta Claudia Nina.⁸ E como declarou o próprio escritor:

Acredito que há duas formas de fazer literatura: há os que contam uma história e há os que escrevem uma história. Ambas as formas são válidas e produzem excelente literatura (só a título de exemplo), Érico Veríssimo e Guimarães Rosa; Hemingway e Faulkner; Dickens e Joyce; Balzac e Proust). Para mim, a linguagem é fundamental, pois todas as histórias já foram contadas. O que as diferencia é a maneira de contar.⁹

⁶ AZEVEDO, Estevão. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 20/01/2009.

⁷ RUFFATO, Luiz. *Os sobreviventes*. São Paulo: Boitempo, 2000.

⁸ NINA, Cláudia. *As fronteiras existências de Ruffato*. <http://www.secrel.com.br/jpoesia/lruffato5.html>. Acesso em 22/01/2009.

⁹ Entrevista com Luiz Ruffato. <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/ruffato.htm>. Acesso em 22/01/2009.

A busca de uma linguagem própria, de uma voz específica, é a necessidade intrínseca a cada escritor. Ruffato busca sua diferenciação na linguagem, na forma. Como ele mesmo afirma: “Depois de Joyce houve Faulkner, houve o *nouveau roman*, houve Guimarães, o concretismo, o concretismo concomitante, houve o cubismo, o surrealismo, o dadaísmo, o expressionismo. E antes houve Sterne, Cervantes, o experimentalismo da poesia barroca. E antes ainda houve o documentarismo do Satiricon. E antes, sim, a novidade da linguagem é a descoberta de uma nova linguagem a ser descoberta”¹⁰.

A radicalidade do projeto literário de Luiz Ruffato também passa pela divisão tênue entre literatura e realidade. A realidade que interessa o escritor é a física – cheiros, sons, volumes, cores e sabores – que informa a realidade metafísica – sentimentos, desejos, angústias, culpas, remorsos, vinganças etc. A literatura de Ruffato é uma tentativa de reproduzir seres de carne e osso em papel. Daí ser tão real. Daí ser tão ficcional. Porque, entre realidade e ficção – há poesia, como destacou o próprio autor¹¹.

O percurso literário de Luiz Ruffato pode ser entendido como a história de um operário da palavra que conta sua história de vida, uma vida simples, pluralizada quando se depara com a realidade. Esse projeto pode ser entendido como uma resposta imediata aos anseios de uma vida, uma longa caminhada pela sobrevivência. História que se esbarra com a vida de milhares de pessoas que passaram pela vida do escritor. Escrever sobre o que se conhece é uma forma de aliviar a tensão e dá voz aos que não podem falar.

Ao decidir escrever a história do proletariado no Brasil nos últimos cinquenta anos, Ruffato faz uma opção sentimental pela sua própria trajetória, marcada por lutas pela sobrevivência. Sua história rompe com a história idealizada de escritores que vislumbram na literatura uma forma de desabafo. No caso de Ruffato, é a própria escrita de um ex-operário que luta pela sobrevivência num país injusto e desigual. O que tem a ver com o seu projeto literário, com sua forma de fazer literatura, que passa pela forma de narrar e pela escolha da linguagem. Como sintetiza o próprio autor:

¹⁰ Entrevista com Luiz Ruffato. <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/ruffato.htm>. Acesso em 20/01/2009.

¹¹ Entrevista com Luiz Ruffato. <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/ruffato.htm>. Acesso em 20/01/2009.

As histórias que compõem os meus livros são longas porque assim exigiu a trama. E, na verdade, ambos os livros e mais alguns que ainda pretendo escrever, são uma e única história: um romance, em mosaico, que tenta retratar a vida proletária sob a ditadura. No final, a minha pretensão é publicar as histórias em alguns volumes (quantos? Não sei) sob o título geral de *Histórias de Remorsos e Rancores*, num gênero que, se não existe, inaugura-se agora, chamado não romance, ou conto, ou novela, mas mosaico.¹²

Ruffato tenta lutar, como cidadão, por uma sociedade mais justa, mais solidária, mais tolerante. E isso se reflete em sua literatura. Sua grande fascinação é a vida, a trajetória do ser humano no tempo e no espaço, sua complexidade, os seus limites¹³. Como ele mesmo afirmou: “o escritor deve escrever”¹⁴.

Esse projeto “Inferno Provisório” em que trabalha atualmente foi de certa forma antecipado, como já se revelou, aqui, pela experimentação de obras anteriores, com destaque para o premiado *Eles eram muitos cavalos*, de 2001.

4.2 Um romance na literatura contemporânea

Eles eram muitos cavalos foi publicado em 2001 e premiado várias vezes: recebeu o Prêmio Machado de Assis de Narrativa, da Fundação Biblioteca Nacional em 2001, e no mesmo ano foi reconhecido como melhor romance pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 2005, na votação das 125 obras de ficção brasileira mais importantes dos últimos quinze anos, o romance ficou em quarto lugar. Desde seu lançamento, o livro vem galopando em ritmo acelerado, não só em solo nacional, mas também na esfera internacional, ao ser publicado na Itália, na França e em Portugal, como destaca Marguerite Itamar Harrison.¹⁵

¹² Entrevista com Luiz Ruffato. <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/ruffato.htm>. Acesso em 20/01/2009.

¹³ Entrevista com Luiz Ruffato. <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/ruffato.htm>. Acesso em 20/01/2009.

¹⁴ Entrevista com Luiz Ruffato. <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/ruffato.htm>. Acesso em 20/01/2009.

¹⁵ HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2007.

A literatura contemporânea de Luiz Ruffato na escritura de seu projeto literário e em *Eles eram muitos cavalos* inaugura um novo tempo rompe com a forma tradicional do romance do século XIX, e propõe outra forma de recriar a realidade urbana. Como destacou o próprio escritor: “A literatura que se quer é uma literatura mais voltada para a perenidade, para a discussão sobre o homem no tempo, necessariamente vai discutir sobre a questão do desconforto do homem.”¹⁶

A nova forma de narrar passa pela linguagem que em alguns casos apresenta-se de forma tradicional e cadenciada, vestida das malhas da gramática, mas se transfigura e rompe com a linguagem tradicional. Descrevendo pensamentos sem ponto nem vírgula, o escritor vai descrever o caos urbano, transgredindo a norma. Como o próprio romancista afirmou:

Têm autores que escrevem sobre São Paulo ainda usando uma estrutura de romance que é a do século XIX. Não estou dizendo que é ruim ou bom. Eu não concebo, para mim, falar de São Paulo da mesma maneira que se falava de Paris, no século XIX. Nós não estamos no século XIX e nem em Paris¹⁷.

Como aponta a socióloga holandesa Saskia Sassen, da Universidade de Chicago, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, “nosso vocabulário já não consegue captar a cidade como uma entidade viva e complexa, com muitos tipos diferentes de materialidade e de culturas.¹⁸” O projeto literário de Ruffato funciona como possibilidade de diminuir a distância que existe entre a literatura e seu tempo, que, como suspeita a socióloga, estão se afastando. “A literatura nesse ponto é muito tímida porque é mais cômodo você continuar fazendo uma coisa que deu certo do que ousar”, como afirmou o escritor mineiro¹⁹.

No jogo entre o tradicional e o experimental, entre prosa e poesia, entre o dicionário e o neologismo, Ruffato consegue atingir um domínio da linguagem – e isso, conta, não o afasta dos leitores. Pelo contrário, torna seu texto mais acessível a qualquer leitor. Ele espera mostrar que a linguagem é um instrumento

¹⁶ AZEVEDO, Estevão. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 20/01/2009.

¹⁷ _____. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 20/01/2009.

¹⁸ _____. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 20/01/2009.

¹⁹ _____. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 20/01/2009.

de dominação. “É uma postura política, você começa a discutir que sinais são esses, para que eles servem, a quem eles atendem, por que tal sinal está naquele lugar. Eu discuto no fazer, não obedecendo às regras ou explodindo com elas. Refletir sobre a questão política é refletir sobre a linguagem, são coisas muito interligadas. Ficar brincando com a tipologia é uma maneira de mostrar o tempo todo: não compactuo com isso²⁰”. E como destaca Fanny Abramovich²¹:

Não sei se li poesia, se prosa, se prosa poética... Deparei com todas, o tempo todo. Sempre, só a inventiva ousada e a ruptura da linguagem. O corrosivo deboche mesclado à ternura, diálogos ingênuos, monólogos desengolindo raivas, anúncios classificados, as rezas e receitas mais formavam um intenso e colorido grafite ou uma composição, iluminante do caos urbano²².

A classificação literária de *Eles eram muitos cavalos* ainda gera mal-estar e controvérsia. O livro pode ser encarado como uma proposta ousada e bem-sucedida de uma nova literatura que quer dar conta da realidade, que consegue captar o real e transformá-lo em literatura. Enquanto romance, o livro recria a linguagem usada pelos inúmeros personagens-transeuntes que percorrem os setenta relatos que compõem a narrativa. A obra é classificada como romance, por uma questão cômoda, ou meramente comercial, uma vez que pode ser classificada ou não neste gênero, já que não temos outro que dê conta desta nova forma de narrar reinaugurada pelo autor contemporâneo.

Reinaugurada porque já se fez algo parecido e transgressor na literatura, com Oswald de Andrade, *Memórias sentimentais de João Miramar*, publicado em 1924, e *Macunaíma* de Mário de Andrade, publicado em 1928. A inovação da linguagem e o rompimento com a norma e o gênero estão presentes nas obras citadas, uma aproximação das obras com *Eles eram muitos cavalos*. No entanto, a radicalidade de Ruffato está no uso da linguagem, na forma “inovadora” de narrar e na própria estrutura do livro, que não tem uma unidade que interligue todas as narrativas. O fio condutor que une as narrativas na obra é a cidade, palco onde as histórias acontecem. A cidade, além de personagem principal da narrativa,

²⁰ AZEVEDO, Estevão. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <https://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 20/01/2009.

²¹ RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001.

²² _____. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001.

funciona como um amálgama que dá sentido ao próprio livro. Sobre a estrutura fragmentária do livro, pode-se estender para *Eles eram muitos cavalos*, o que Ruffato afirma sobre “Inferno Provisório:”

É uma tentativa de capturar uma sociedade em que as coisas têm começo, meio e fim. Essa literatura, mesmo fragmentada tem uma visão da totalidade. A literatura é fragmentada porque o homem contemporâneo é fragmentado. Mas ainda é individualista. A minha intenção é desconstruir a narrativa. Caetano, na música “Fora da Ordem”, diz: “Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína”. Essa imagem é o que sintetiza “Inferno Provisório”, por mais que seja paradoxal. E isso se dá tanto na forma quanto no conteúdo, que entendo como um corpo único.²³

A desconstrução do romance de que fala o escritor passa pela inviabilidade de se pensar no romance contemporâneo nos moldes do romance burguês do século XIX. A desconstrução da narrativa é necessária para a própria construção da literatura contemporânea, pois a realidade é fragmentária. E a teoria literária tem acompanhado esse tempo. Não há possibilidade de se analisar a literatura produzida hoje com ferramentas do século XIX. A relação com o tempo e com o espaço é muito diferente. Exemplo recente dessa nova crítica literária é a publicação do livro de Beatriz Resende, *Contemporâneos*²⁴, sobre ensaios de jovens autores. O tempo mudou até para a produção da crítica literária. Neste sentido, não dá mais para entender um romance que ainda tem uma visão monolítica, fechada, onisciente. Porque não combina com o tempo em que vivemos. “Escrevo sobre o tempo em que vivo”, destaca o romancista²⁵.

A obra exemplifica claramente o momento literário por que passa o país, a renovação do fazer literário, na pessoa de um autor de origem simples que procura dar conta de suas próprias experiências.

O livro, como Ruffato já declarou, é um olhar estrangeiro sobre a cidade de São Paulo, vista pelo próprio autor, juntamente com a multidão de pessoas que habita a metrópole. O olhar do escritor será descrito numa narrativa envolvente que rompe com os padrões já estabelecidos. Rompendo com a forma tradicional

²³ MELLO, Ramon. *Luiz Ruffato: Operário da Palavra*.

<https://www.portalliteral.com.br/artigo/luiz-ruffato-operario-da-palavra>. Acesso em 20/01/2009.

²⁴ RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

²⁵ MELLO, Ramon. *Luiz Ruffato: Operário da Palavra*.

<https://www.portalliteral.com.br/artigo/luiz-ruffato-operario-da-palavra>. Acesso em 20/01/2009.

de se fazer um romance, o autor vai descrever um dia em São Paulo por meio do fragmento, única opção viável para retratar uma realidade esfacelada, dilacerada pela própria geografia da cidade. São Paulo é vista por um Ruffato que dá voz aos inúmeros personagens que também fazem parte da urbe. A voz do escritor é somada às inúmeras vozes que compõem a narrativa, traçando um painel que busca dar conta de várias cidades dentro da metrópole.

A estrutura usada para narrar as diversas histórias de São Paulo é viável pela desconstrução linear que o livro propõe. Nele, o leitor poderá fazer a leitura que quiser, pois a obra proporciona vários caminhos para a narrativa. As histórias estão embaralhadas em setenta mini-contos, pequenas narrativas do cotidiano urbano. A ideia inicial do projeto de lançamento do livro concebida por Ruffato era de uma pequena caixa com fichas para o leitor ler os contos aleatoriamente. Por questões mercadológicas, a ideia não foi viável, e o romance foi lançado em forma de livro.

A classificação como romance em *Eles eram muitos cavalos* obedece mais a necessidades externas – catalogação bibliográfica de posicionamento no mercado editorial – do que propriamente à estrutura da obra, como declarou o escritor. O livro teria sido concebido, tomando emprestado o termo das Artes Plásticas, mais como uma “instalação literária” e não simplesmente como conto, romance ou poesia, como destaca Cláudia Nina²⁶.

Para mim, este enquadramento não interfere em nada na maneira de como o livro foi concebido: como uma espécie de “instalação literária” (tomando por empréstimo uma terminologia das artes plásticas), uma radicalização antropofágica, em que várias maneiras de abordar a realidade são testadas para tentar registrar um dia na megalópole como São Paulo²⁷.

O desafio de classificar a obra como romance está na falta de uma nomenclatura que dê conta da radicalidade do próprio livro. Sua classificação como romance é possível pela composição fragmentária da obra que dá um sentido narrativo ao livro, mas o termo romance aqui já não pode ser visto como foi concebido historicamente. O desafio da classificação da obra se desdobra, e

²⁶ NINA, Cláudia. Romance: um gênero possível? *Eles eram muitos cavalos*: uma proposta de leitura. http://www.claudianina.com.br/eemc_proposta_cnpq.html. Acesso em 12/10/2008.

²⁷ NINA, Cláudia. *A radicalidade antropofágica de Luiz Ruffato*. http://www.claudianina.com.br/eemc_proposta_cnpq.html. Acesso em 12/10/2008.

podemos pensar no termo romance como classificação de obras-limite, como *Ulisses*, de Joyce, publicado em 1922, um romance possível, como aponta Cláudia Nina²⁸:

Eles eram muitos cavalos é a exacerbação das experimentações por vários sentidos, sobretudo pela absorção de diversos registros, vozes e disposição das cenas que, em fragmentos, surgem aqui e ali, sem que os episódios das cenas que, tenham qualquer conexão entre si, a não ser o fato de que todas ocorrem em um mesmo dia (9 de maio de 2000) e local – São Paulo, o grande cenário. (NINA, Cláudia, 2008)

O livro, sem dúvida, reinaugura uma nova forma de narrar que se desdobra em diversos gêneros, prosa e poesia dialogam na narrativa que tenta significar a metrópole como um organismo vivo, propõe a unidade de sentido capaz de dar conta de uma realidade esfacelada. Um dia na cidade de São Paulo do cotidiano de seus moradores. Os mini-contos funcionam como uma parte de um todo maior, a cidade na sua imensidão fragmentada.

A literatura busca dar conta da efemeridade do instante que compõe a própria narrativa. O livro cumpre o papel de aproximação entre arte e realidade, entre literatura e seu tempo. Neste sentido, a arte é acrescentada pela experiência do real, recriada na poesia do cotidiano. O livro é exemplo não somente de seu tempo, mas bebe em fontes dos grandes escritores como Machado de Assis, que, como o próprio autor já afirmou, foi quem lhe deu o que estava faltando para escrever seu projeto literário²⁹. E a forma de narrar também passa pela experiência da realidade captada pelo autor. Seu olhar de imigrante, vindo do interior para a cidade grande, pode ser facilmente identificado na narrativa. Mas esse olhar não é ingênuo, é um olhar já acrescentado pela experiência da literatura, como demonstra a estante de livros dispostos no fragmento 24. “Uma estante”:

HITLER – Joachin Fest
 MARKETING BÁSICO - Marcos Cobra
 O VERMELHO E O NEGRO – Stendhal
 O PREÇO DA GUERRA – Hans Killian

²⁸ NINA, Cláudia. **Romance**: um gênero possível. *Eles eram muitos cavalos, uma proposta de leitura*. http://www.claudianina.com.br/eemc_proposta_cnpq.html. Acesso em 12/10/2008.

²⁹ MELLO, Ramon. *Luiz Ruffato: Operária da Palavra*. <http://www.portalliteral.com.br/artigos/luiz-ruffato-operario-da-palavra>. Acesso em 20/01/2009.

AS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES – Conan Doyle
AS VALKÍRIAS – Paulo Coelho
BRASIL POTÊNCIA FRUSTRADA – Limeira Tejo
TERESA BATISTA CANSADA DE GUERRA – Jorge Amado
GUERRA LUA – Tom Cooper
TEATRO I – Ana Maria Machado
MULHERES APAIXONADAS – D. H. Lawrence
ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DO BRASIL – Professor José Hermógenes
O PALÁCIO JAPONÊS – José Mauro de Vasconcelos
OS FANTOCHES DE DEUS – Morris West
HISTÓRIAS DIVERSAS – Monteiro Lobato
O BOBO – Alexandre Herculano
OS EXILADOS DA CAPELA – Edgard Armond
AJUDA-TE PELA PSIQUIATRIA – Frank S, Caprio (...) (RUFFATO, 2001, p. 51-52).

O olhar que capta a cidade e faz o seu recorte passa pela experiência literária que altera todo o fazer literário da própria narrativa. Dentro do texto brota um novo texto literário, e a realidade se transforma em literatura pela escritura da realidade. O fazer literário do texto está na sua composição que conclama diversos gêneros e na inversão da linguagem recriada em uma nova possibilidade de se contar uma história que é mais uma história que já foi contada; a diferença é apenas na maneira de se contar. A forma no livro faz toda a diferença, e se encaixa numa nova postura de vida: encarar a vida e viver na cidade.

O livro pode ser lido como o retrato do homem e de seu tempo, suas vivências, angústias, medos e tudo o que faz parte da essência humana. Mais que literatura, a narrativa pode ser entendida como um retrato sociológico de uma metrópole. A São Paulo de Ruffato é diversa em sua unicidade, uma imensidão de possibilidades de cidades captadas por um único olhar, diverso em suas leituras da cidade. Forma e literatura se encontram nesse belíssimo relato urbano.

4.3 Uma cidade entre caos, violência, medo e solidão: *Eles eram muitos cavalos*: um retrato de São Paulo na literatura contemporânea.

A cidade já é nomeada no cabeçalho do livro: São Paulo, 9 de maio de 2000. Terça-feira. Um romance criado a partir de várias histórias que se destacam como murmúrios do anonimato. A poesia é a origem da narrativa turbulenta e nevrálgica que habita a temática e o estilo do livro, abrindo espaço para a prosa, fragmentada em 70 pequenos textos, que refletem o cotidiano e as confusões de uma cidade, como destaca Ginaldo Santos Silva³⁰.

Na obra, somos conduzidos pelo olhar de um *zappeur*, um novo tipo de narrador, que é a reformulação do conceito de *flâneur* – figura literária do século XIX –, e seu texto é marcado por uma forma singular de percepção do mundo. É a literatura dos fragmentos da vida cotidiana, restos imperceptíveis ou desprezados pela grande maioria das pessoas. Ruffato caminha pela cidade de São Paulo como um *zappeur*, que vai zapeando. O olhar atento do escritor contempla a cidade através da multidão de pessoas simples, e se mistura a ela relatando fatos cotidianos que fazem parte da cidade, traçando um vasto painel da condição humana, algumas vezes, em comunhão com as dores e as alegrias da gente humilde, miúda, que ali habita, mas que não se sabe bem de onde veio nem para onde vai, como se pode ver na epígrafe do livro, tomada de Cecília Meirelles: “Eles eram muitos cavalos, mas ninguém sabe os seus nomes, sua pelagem, sua origem...,”³¹ mas significam a cidade.

O retrato de São Paulo pode ainda ser visto pelos temas que compõem os 70 fragmentos do livro. Como um painel que traça o perfil da metrópole, pode-se destacar os temas que povoam o imaginário e a realidade concreta da metrópole contemporânea: caos, violência, medo e solidão, temas já bastantes desgastados e banalizados pela mídia.

A violência perpassa toda a narrativa, quando noticiada ou vivenciada pelos personagens. Como tema, é explorada nos relatos como algo que já faz parte da paisagem urbana, associada à cidade como um problema que não tem solução

³⁰ SILVA, Ginaldo Santos. *Os cavalos de Ruffato*. <https://www.poesias.omelhordaweb.com.br>. 23/01/2009.

³¹ RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001.

aparente. Aqui, ela não será discutida, apenas citada, suas causas não são trabalhadas no livro. Em São Paulo, está presente em toda parte, e uma de suas causas apontadas na narrativa é a desigualdade social, que também é tema em diversos fragmentos da obra:

O colchão-de-mola-de-casal onde se aninham sobreveio numa tarde úmida, manchas escuras desenhando o pano rasgado, locas vomitando pó, aboletado no teto de uma kombi de carreto (...) Pensam, é fácil, mas forças não tem mais, embora seus trinta e cinco anos, boca desbanguelada, os ossos estufados os olhos, a pele ruça, arquipélago de pequenas úlceras, a cabeça zoeirenta. E lêndeas explodem nos pixains encipoados das crianças e ratazanas procriam no estômago do barraco e percevejos e pulgas entrelaçam-se aos fiapos dos cobertores e baratas guerreiam nas gretas. (RUFFATO, 2001, p. 22)

Os ratos são descritos da mesma forma que as crianças são apresentadas no relato, convivendo no mesmo espaço físico: o barraco de um cômodo em que vive toda a família. A aproximação entre os ratos e as crianças pode funcionar como denúncia social de uma dura realidade, bastante comum nas periferias da capital paulista e de favelas espalhadas pelo país. No fragmento acima, a mãe das crianças é descrita em detalhes numa atmosfera de abandono e ruína e as crianças são relegadas a animalização, vivendo como os ratos que habitam o barraco da família.

Em outro fragmento, a violência deixa de ser notícia e passa a ser realidade vivida e compartilhada pelos moradores de São Paulo, como no relato:

Comecei a ouvir tiroteio pensei em fugir mas ainda corria o risco de ter o carro roubado já pensou? Aí tirei a chave da ignição deitei poltrona de bruços um medo de morrer ali sozinha e então aconteceu uma coisa engraçada parece que eu desmaiei viajei no tempo (...) e aí começaram a buzinar atrás de mim e assustada dei um pulo liguei o carro engatei a primeira e vi os soldados na calçada arrastando pelas pernas dois sujeitos ensangüentados deviam estar mortos já e vários outros sentados na guia só de cuecas mãos na nuca parecia cena de filme americano. (RUFFATO, 2001, p. 24)

O episódio de violência é descrito pela mulher ao marido numa madrugada onde os dois conversam no apartamento. O marido ouve sem dar muita importância ao fato narrado, como se fosse mais um caso de violência noticiado no jornal. Em meio ao caos urbano, a violência não causa mais reação

nos moradores da cidade. Juntamente com a violência vivida pela mulher na esfera da vida pública da cidade, somos conduzidos à esfera privada, acompanhamos a conversa do casal, entediado com o casamento e com a falta de dinheiro e de perspectivas. O fragmento 10. “O que quer uma mulher,” começa com a pergunta do marido “aconteceu alguma coisa?”. O episódio de violência vivido pela mulher é ponto de partida para a discussão sobre a vida do casal em crise. A vida privada perpassa a esfera pública para chegar às questões maiores sobre a própria existência. A mulher, cansada da vida, questiona: trabalhar para quê? A cidade acorda e a vida continua sem resposta em tom de poesia:

A vizinhança espreguiça-se
 uma discussão, logo abortada
 uma porta que se fecha
 um rádio ligado
 cachorros que latem
 a porta de aço descerrada da padaria
 passos rápidos na calçada
 um bebê que esgoela
 uma sirene, longe “Polícia?” (RUFFATO, 2001, p. 24)

A violência também é descrita no fragmento 11. “Chacina nº 41”. No relato, temos a história de um cachorro à procura de seu dono. Somos conduzidos na narrativa pelo cachorro que, na busca pelo seu dono, presencia a chacina:

O que exalava dos corpos era azedume de suor embaralhado ao doce amargo do medo. Pedacos de chumbo ricocheteavam na parede da oficina-mecânica arrancando lascas do enorme Ayrton Senna grafitado – mais tarde, a polícia técnica colheria vinte e três cápsulas calibre 380. (...) Concentrado, buscava reconhecer os rostos, dois dos três eram garotos ainda, quando sentiu a pontada na altura do pulmão, quase pôs o pouco que havia comido para fora, recolheu o rabo, baixou as orelhas, disparou, suspendendo-se no breu. (RUFFATO, 2001, p. 29)

O cachorro aparece no relato como única testemunha da chacina e se importa com os acontecimentos porque está à procura de seu dono. No fragmento, não aparece ninguém que se importe com a morte dos três jovens, ainda garotos, o que pode ser lido como a banalização da violência sem precedentes. Diferentemente do fragmento 9. “Ratos”, que pode ser lido como denúncia social; a violência em 11. “Chacina nº 41”, funciona como a banalização da violência e a

perda da dignidade humana. Pessoas são mortas sem que ninguém se preocupe com isto, como se fosse algo natural, sem problemas.

No fragmento 30. “O velho contínuo”, a violência aparece atrelada ao medo. No relato, o personagem desata a falar no banheiro fétido para quem se dispusesse a ouvi-lo:

A patroa ligou há pouco... está um tiroteio danado lá na rua de casa... ela estava falando encolhidinha atrás do sofá que encostou na parede pra não ficar zumbindo bala perdida na cabeça dela... ligou preocupada, coitada... falou pra eu não aparecer lá hoje de terno-e-gravata... alguém pode me confundir... achar que sou delegado... eu pensei cá com meus botões, que besteira! Eu lá tenho cara de delegado? Mas, coitada, eu entendo... ela está certa... que eu vou fazer? Vou pendurar o paletó na cadeira... enfio a gravata no bolso... largo aí...que mal faz? Não vai sumir... amanhã torno a vestir... não custa nada agradar à patroa... ela está velha, coitada... e a gente... (RUFFATO, 2001, p. 64)

O tiroteio não causa nenhuma reação aos ouvintes no banheiro, não ouvimos respostas sobre o relato do velho contínuo. Não há diálogo, apenas ele relata a preocupação de sua mulher por causa do tiroteio que está acontecendo na rua onde ele mora. Ele não fala para o conhecido da pia ao lado, nem para o motoboy que se equilibra no mictório, apenas desabafa sua situação, que nem sequer é ouvida por quem está ali. O fragmento termina com a percepção do velho contínuo com o desperdício de água, ele fica constrangido e fecha a torneira. Na caminhada para casa, a cena de indiferença continua, ele sai do banheiro: “olhos chãos, o rio morto, os carros indiferentes, os prédios futuristas, a cortina escura do horizonte, a velha, coitada.” (RUFFATO, 2001, p.64). A atmosfera de indiferença permanece em toda a cidade observada pelo personagem, descrita pelo narrador. O rio morto, os carros indiferentes, ninguém quer saber se o rio morreu, ninguém tem tempo para isto, a velocidade da vida não permite mais o olhar. A indiferença das pessoas que estavam no banheiro em relação ao relato do velho contínuo aponta para a banalização da violência e o isolamento, que permanece no final do fragmento, quando a paisagem urbana também é indiferente aos moradores da cidade.

A indiferença também é tema do fragmento 34. “Aquela mulher”. No relato, a cidade é indiferente à mulher que vaga pelas ruas. Somos informados do paradeiro da mulher pelo narrador, que conhece sua história. O relato de dor e

abandono é narrado em prosa e poesia, como um poema urbano. A trajetória de uma mulher que se arrasta em ruavenidas do Morumbi, que esconde um passado que explica sua vida. A dor pelo desaparecimento da filha é a causa da perambulação da mulher, que vaga pela cidade:

Virou assim um dia, deu horário, a filha de onze anos não chegou da escola, o rosto esbaforido na cozinha, mãe!, a noite, a madrugada, a colcha, o lençol engomado, dia seguinte também não, nem no outro, nada nada nada (...) do outro lado ouviu o pranto, o pânico Ouviu a voz Filha? Onde... Onde está você? Filha! Onde? – ouviu vozes – Silêncio
e de joelhos desabou na calçada a palma das mãos coleando o chão de palitos de fósforos e tampinhas de garrafa e escarros e ponta de cigarro e engatinhando perscrutou a voz de onde vinha? de onde? E arrastou-se espantilha por becos e avenidas e cerraram janelas e portas de seu barraco e em paraisópolis não apareceu mais nunca mais nunca nem uma nem outra. (RUFFATO, 2001, p. 71)

Entre os fragmentos de violência, aparecem na narrativa a oração do evangelista e a oração de Santo Expedito. As orações estão inseridas no livro entre as narrativas que narram os episódios de violência e podem ser lidos como a possibilidade de resgate da cidade imersa no caos urbano e na violência. A oração do evangelista, no fragmento 27: “Olho em volta... O que vejo?, O que vejo: Vejo o sofrimento daqueles desenganados pela vida. Vejo a desilusão dos que não têm passado... nem presente ... nem futuro.” As aspas no texto enfatizam a voz dada ao personagem pelo narrador que se isenta do relato. A oração do evangelista pode ser lida como um pedido de socorro aos céus, uma súplica a Deus, um pedido de misericórdia para os que vivem no caos urbano:

Ó Senhor, eu ... humilde servo... que nada sou, Senhor... pó que o simples sopro do vento aniquila... lhe peço... imploro... olhe pelos irmãos que sofrem nesse momento, Senhor... por aqueles que desesperados sobem ao último andar dos edifícios... por aqueles que sem esperança se refugiam na solidão... por aqueles que sem forças escravizam-se na drogas... por aqueles que desempregados sucumbem... à tentação... por aqueles que perderam tudo... por aqueles que nunca tiveram nada... por aqueles invisíveis porque anônimos. Senhor, Senhor: livra-nos da guerra... que existe dentro... dentro... dentro... de ... cada.” (RUFFATO, 2001, p.59)

A oração ainda pode ser vista como síntese das narrativas do livro, as dores e as angústias por que passam os personagens no caos de São Paulo. Os inúmeros relatos de vidas que povoam a cidade, na esfera pública e privada. O retrato da cidade em suas dimensões.

A oração de Santo Expedito aparece no fragmento 31. “Fé. Oração a Santo Expedito”. O texto é um folheto, geralmente distribuído nas ruas da cidade. O santo é invocado nos negócios que demandam pronta solução e cuja invocação nunca é tardia, de acordo com o folheto. A oração é uma súplica numa hora de aflição e desespero. O santo dos desesperados, a quem pedem paz, tranquilidade e proteção para a família. A fé aqui pode ser entendida como um pedido de socorro em meio ao caos, à violência, ao medo e ao desespero. Problemas de difícil solução, mas que poderão ser resolvidos pelo santo das causas urgentes. A oração a Santo Expedito no livro vem logo após o fragmento 30. “O velho contínuo”, episódio de violência, já descrito:

Meu Santo Expedito das causas justas e urgentes, interceda por mim junto ao nosso senhor Jesus Cristo, socorre-me nesta hora de aflição e desespero. Vós que sois um santo guerreiro, vós que sois o santo dos aflitos, vós que sois o santo dos desesperados, vós que sois o santo das causas urgentes, proteja-me ajuda-me, dai-me coragem e serenidade. Atenda ao meu pedido. “Fazer o pedido.” Meu Santo Expedito! Ajuda-me a superar estas horas difíceis, proteja-me de todos que possam me prejudicar, proteja minha família, atenda ao meu pedido com urgência.” (RUFFATO, 2001, p. 65)

Assim como a violência, o medo perpassa toda a narrativa, culminando no último fragmento, sem título, localizado no livro após as duas páginas pretas. O medo aqui pode ser entendido como resultante da violência urbana e do isolamento imposto pela nova forma de se viver na cidade. A própria estrutura fragmentada do livro, sem ordem aparente, já aponta para o isolamento dos moradores da cidade. A narrativa pode ser lida como um retrato da cidade que não se encontra, como os setenta flashes, fragmentos, mini-contos, histórias que compõem o livro. Os relatos não têm uma relação aparente, o único fio condutor que os une é a cidade como palco dos acontecimentos. A estrutura da narrativa aponta para o isolamento dos personagens que não dialogam entre si. O medo aqui pode ser entendido como o silenciar das vozes que se calam diante da violência:

{ -mulher... ô mulher...
 - Ahn?
 - Você ouviu?
 - O quê?
 - Shshshiuuu...
 - Ahn?
 - Ouviu?
 (Pausa)
 - Parece ... parece que tem alguém gemendo...
 - É ...
 - Santo deus!
 - Shshshiuuu... Fala baixo!
 - Não vamos ajudar?
 - Ficou doida?
 - Mas... tá aqui... bem na porta...
 - Fica quieta!
 - Ai, meu Deus!
 (Pausa)
 - Deve te sido facada... pelo jeito...
 - E a gente não vai fazer nada?
 - Fazer? Fazer o quê, mulher? Fica quieta... E se tem alguém lá fora?, de tocaia?
 (Pausa)
 - Parou...
 - Parece que parou...
 - O quê?
 - A gêmeção...
 (pausa)
 - É ... Parou mesmo... Vamos lá agora?
 -Não!
 - Por quê?
 - Porque ... porque ainda pode ter alguém lá... E aí? Melhor dormir... Vai... vira pro canto... vira pro canto e dorme... Amanhã... amanhã a gente vê ... Amanhã a gente fica sabendo... Dorme... vai... } (RUFFATO, 2001, p. 150).

O medo silencia o casal, que teme o outro, do lado de fora da porta. A violência “presenciada” será noticiada no jornal no dia seguinte, passará a ser uma realidade distante, que o casal não quer participar. A recusa do casal em ajudar o “outro” se baseia na lei da proteção própria.

A solidão urbana também é tema de vários fragmentos de *Eles eram muitos cavalos*, como resultante do caos urbano, da violência e do medo. O isolamento “imposto” aos moradores de São Paulo pode ser visto no fragmento 20. “Nós poderíamos ter sido grandes amigos”. No relato, o morador do edifício narra uma história de amizade entre o vizinho e ele; no final, somos surpreendidos pelo desfecho de que ele não conhecia seu vizinho. Na verdade, eles se conheciam de vista no elevador:

Mas nós não nos conhecíamos. Nos vimos algumas vezes no elevador de serviço, a caminho da garagem do prédio, uma outra vez na piscina, ele lendo a Veja, eu nadando com a Joana e o Afonsinho.

Hoje eu soube que ele não vai mais voltar para casa.

Ele foi vítima de um seqüestro-relâmpago.

Os bandidos pegaram ele, parece, na Avenida República do Líbano, roubaram os documentos, cheques, cartões de débito e de crédito.

Depois, numa quebrada escura lá para os lados da República de Guarapiranga, puseram ele de joelhos, deram um tiro na nuca.

O corpo foi encontrado hoje de manhã.

O carro ainda não. (RUFFATO, 2001, p. 46).

A solidão está presente nos diversos anúncios de classificados amorosos estampados no livro. E no relato de “Fran”, no fragmento 15. Trata-se do relato de uma atriz desempregada, que espera um telefonema de Augusto, que não liga nem retorna suas ligações. Sozinha no apartamento, Fran se refugia no uísque para esquecer a solidão.

Como síntese do retrato de São Paulo, de acordo com Marguerite Harrison³², a cidade pode ser vista em *Eles eram muitos cavalos* como uma cidade em camadas, como já apontamos. As camadas são descritas ao longo da narrativa pelo olhar múltiplo do narrador, um *zappeur*, que capta a singularidade de cada cidade. As camadas funcionam como possibilidades de se ver a cidade, São Paulo, sob vários ângulos. O retrato da metrópole é descrito:

40. Onde estávamos há cem anos?

Na esquina com a Rua Estados Unidos, o tráfego da Avenida Rebouças estancou de vez. Henrique afrouxou a gravata, aumentou o volume do toca-cedê, Betty Carter ocupou todas as frichas do Honda Civic estalando de novo, janelas cerradas, cidadela irresgatável, lá fora o mundo, calor, poluição, tensão, corre-corre. Meninos esfarrapados, imundos, escorrem água nos pára-brisas dos carros, limpam-nos com um pequeno rodo, estendem as mãozinhas esmoleres, giletes escondidas entre os dedos, arranjos de estiletos em buquê de flores, cacos de vidro em mangas de camisa. Meninas esfarrapadas, imundas, carregam bebês alugados esfarrapados, imundos, dependurados nas escadeiras, inocentes coxas à mostra, cabelos presos em sonhos vaporosos. Mocinhas vestidas de torcida-organizada-de-futebol-americano espalham folders de lançamento imobiliário. Rapazes encorpados exibem revólveres sob um outdoor São paulo-Miami Non Stop, que encobre um pequeno prédio abandonado, onde gatos e crianças remelentos dormem ignorando a tarde que se oferece lúbrica. (RUFFATO, 2001, p. 81)

³² HARRISON, Marguerite Itamar (org.). *Uma cidade em camadas* – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2007.

A cidade caótica é apresentada em suas mazelas: miséria e desigualdade social convivem lado a lado, o encontro acontece no farol, de onde o narrador observa São Paulo. No fragmento 45. “Vista parcial da cidade”, o caos também faz parte do retrato de São Paulo:

são paulo relâmpagos
 (são paulo é o lá fora? é o aqui dentro?)
 de pé a paisagem murcha
 a velha rente à janela
 rosto rugas bolsa de náilon desmaiada no colo dentro
 coisas enroladas em jornais e vestido branco bolinhas pretas sandália de
 plástico fustigando o joanete cabelos grisalhos olhos assustados nunca se
 acostumará ao trânsito à correria ao barulho (...) sacolejando pela Avenida
 Rebouças
 o farol abre e fecha
 carros e carros
 mendigos vendedores meninos meninas
 carros e carros
 assaltantes ladrões prostitutas traficantes
 carros e carros
 mais um
 terça-feira
 fim de semana longe
 as luzes dos postes dos carros dos painéis eletrônicos dos ônibus
 e tudo tem a cor cansada
 e os corpos mais cansados
 mais cansados
 a batata das minhas pernas dói minha cabeça dói e (RUFFATO, 2001, p. 95-96).

O retrato da cidade ainda pode ser visto no fragmento 17. “A espera”:

(...) da escada-rolante emerge, o Edifício Itália funda-se nos seus ombros, a fumaça de carros e caminhões tachos de acarajés coxinhas quibes pastéis, vozes atropelam-se, amalgamam-se, aniquilam-se, em bancas revistas, jornais, livros usados, pulseiras brincos colares gargantilhas anéis, lã em gorros ponches blusas mantas xales, pontos de ônibus lotados, trombadinhas, engraxates, carrinhos de pipoca, doces caseiros, vagabundos, espalhados caídos arrastando-se bêbados mendigos meninos drogados aleijados. (RUFFATO, 2001, p. 39)

A metrópole, em *Eles eram muitos cavalos*, pode ser vista como um amálgama unindo as narrativas que falam também sobre a cidade. São Paulo, além

de ser o espaço geográfico que dá sentido de unidade ao livro, também pode ser vista como tema, pano de fundo, das narrativas. Em alguns fragmentos, como os citados acima, a cidade é descrita pelo olhar astuto do narrador, em alguns momentos, pelos personagens que povoam as histórias do livro. Atrelada ao caos urbano, São Paulo pode ser vista como uma cidade caótica, sobretudo babélica. A Babel do mito bíblico ressemantizada na literatura contemporânea. O caos urbano, as diversas línguas, aqui interpretadas pela variedade de linguagens que compõem a narrativa. Além de Babel, o caos urbano inscrito na São Paulo da narrativa de Ruffato remete ainda à maldição da primeira cidade, Enoque, fundada por Caim. A recorrência da cidade como maldição.